REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

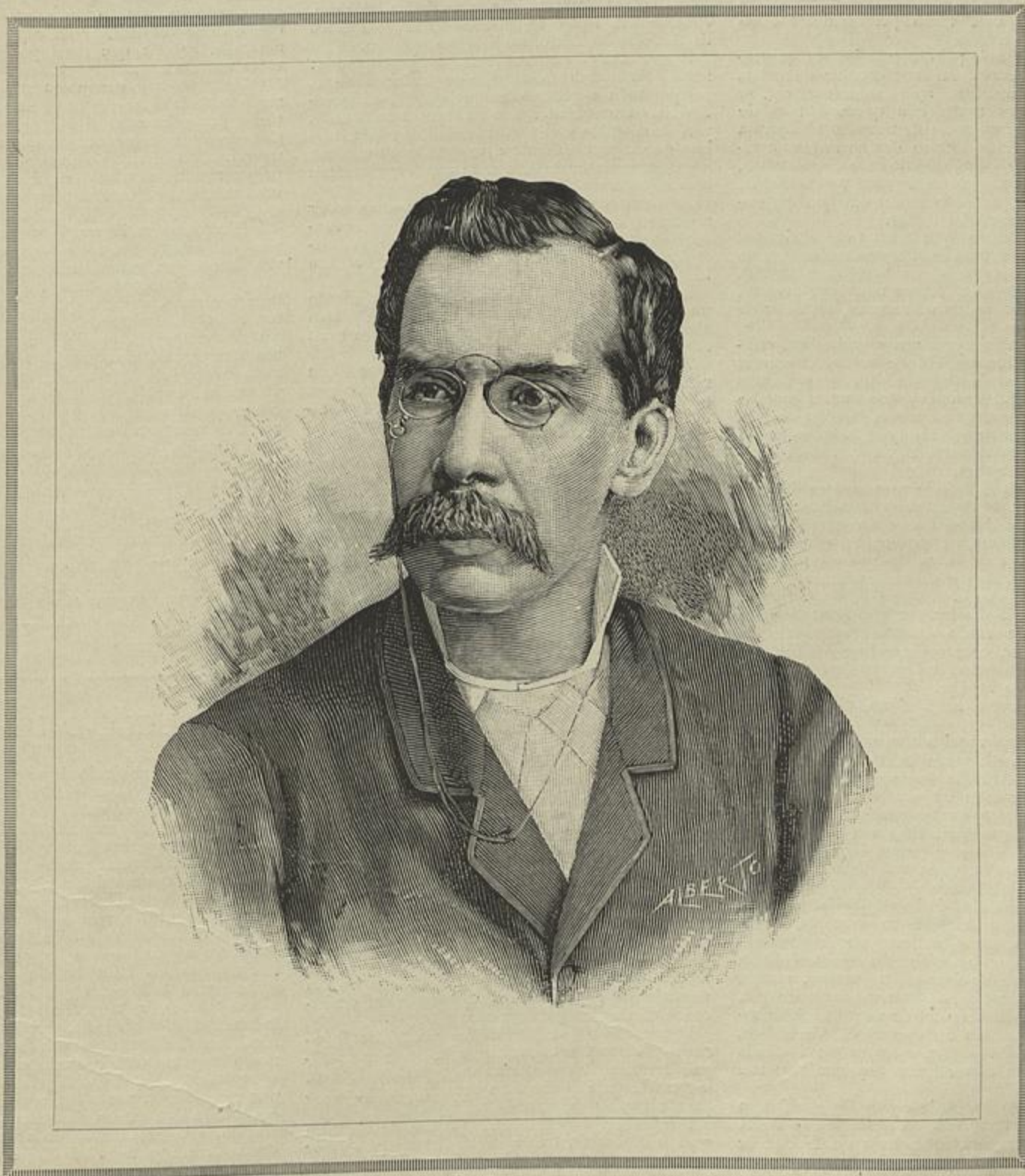
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 306

21 DE JUNHO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO, MINISTRO DO REINO E PRESIDENTE DO CONSELHO

(Segundo uma photographia de Camacho)

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje ás 5 horas e 20 da tarde, segundo resam as folhinhas começa o reinado ardente do ardente verão.

E a julgar pelo calor asphixiante que serviu de batedor a sua Magestade o Estio, a julgar por esse piquete de fogo que precedeu o carro do esbraseado hospede, que vem passar trez mezes entre nós, vamos ter ahi um verão de se lhe tirar o chapeu, uma forma trivial de rhetorica familiar para expressar a nossa admiração por qualquer coisa, mas que no caso presente se póde empregar ao pé da lettra com muitissimo praser, por que realmente não se comprehende n'estes mezes abafados que a humanidade ponha chapeu, a não ser precisamente para o tirar.

Entramos portanto em pleno estio, *la morte saison* das cidades e das capitaes, e em Lisboa este anno, essa estação morta promette ser mortissima, se este superlativo se pode empregar a adjectivo tão lugubre.

Nos outros annos, a nossa cidade nunca ficava durante os mezes de verão perfeitamente erma de divertimentos.

Alguns annos até, pelo contrario, era exactamente n'estes mezes, em que o calor apertava, que os divertimentos apertavam tambem, e aquelles infelizes mortaes a quem a falta de dinheiro ou a abundancia de trabalho obrigava a aguentar a pé firme dentro das barreiras da cidade o calor de julho, de agosto e de setembro, a receber os canniculares á porta da Havaneza, tinham em compensação muito em que empregar as suas encalmadas noites.

O Passeio Publico, que Deus tem, abria-lhes as suas portas e dava-lhes festas variadas, que se nem sempre eram muito brilhantes, tinham comtudo a vantagem, de, por um preço modico, lhes fornecer um ponto de reunião, um lugar de cavaco ao fresco.

Os Recreios Whitoyne, nos seus jardins, offereciam ao mesmo publico de verão, concertos ao ar livre, fogos de vistas, e ás vezes até umas tentativas de café concerto, com umas canções muito frescas cantadas por umas francezas que já o não eram muito: no seu Colyseu dava-nos opera italiana, zarzuella hespanhola, e ás vezes até companhia de declamação.

O Theatro da Trindade nem sempre fechava as suas portas: e companhias de verão ganhavam ás vezes alli dinheiro com uns reportorios especiaes de *operettas* e *vaudevilles*, e foi até se bem nos lembra, n'um verão que esse theatro deu a Lisboa o raro e delicado prazer de ouvir e ver a notavel *Judic*.

O theatro de S. Carlos, tambem ás vezes sahia do seu serio e então dava-nos opera comica franceza a valer, com artistas bons de lei, que d'aqui partiam a occupar lugares importantes no mundo lyrico da França.

Este anno porém nada d'isso, absolutamente nada.

Passeio publico vistel-o por um oculo.

Não devemos ter saudades d'elle com certeza, porque a bella Avenida que surgiu das suas enfesadas cinzas matou de vez todas as saudades do passado, mas o que é verdade, é que essa Avenida, que d'inverno é hoje um dos encantos de Lisboa, de verão não presta á população lisboeta os mesmos serviços que lhes prestava o pobre Passeio Publico.

A culpa não é d'ella, da boa Avenida, não com certeza: ella lá está muito mais ampla, muito mais desafogada, muito mais elegante, muito mais lavada d'ares, que o defuncto Passeio Publico, ás ordens de quem quizer n'ella passear: a culpa é da camara municipal e da companhia do gaz, que enchendo-a de candieiros não a enchem todavia de luz: a culpa é da população de Lisboa, que como não lhe pedem meio tostão á sahida e não lhe poem cartazes nas esquinas, não vae lá á noite.

Mas em summa, seja de quem fôr a culpa, o que é certo, é que a Avenida ainda se não conta entre os divertimentos nocturnos da Lisboa de verão.

Os jardins dos Recreios e o theatro lá de cima vão-se embora no principio do mez que vem: vão dar a alma á companhia dos caminhos de ferro, e o corpo ao grande tunnel que ha-de atravessar a cidade, prendendo a praça dos Restauradores á quinta da Rabicha, e á estação de Santa Apolonia que vem dar o seu passeio até ao Rocio, fazer vis-á-vis a Santa Justa e Rufina.

O Colyseu dos Recreios não fica tambem com muita saude e poucos dias sobreviverá ao seu collega theatro, e aos seus proximos parentes Jardins Whitoyne.

O theatro de D. Maria fechou já as suas portas ha que tempos, e ás horas em que escrevemos devem os artistas que constituem a sua companhia estar a desembarcar no Rio de Janeiro, a atravessar a rua do Ouvidor e a tomar posse dos seus camarins no theatro de S. Pedro.

O theatro do Principe Real, esse theatro que já n'um verão nos deu a Preciosi e a Maria Denis, este anno não nos dá coisa nenhuma: está aqui está, a fechar, e a companhia a abalar para as Ilhas.

O theatro da Trindade fechou no dia quinze e agora só até quinze de setembro!

O theatro de S. Carlos esse vae abrir as portas—não para o publico entrar no verão a vêr espectaculos, mas simplesmente, para d'inverno o publico sahir em caso d'incendio.

E apenas um theatro, um unico, exactamente aquelle que de verão costuma não dar que fallar de si, o theatro do Gymnasio, annuncia para breve uma novidade de estio—uma companhia d'opera italiana dirigida por madame Julietta Helder.

Madame Julietta Helder, uma belga graciosa, educada em Paris, foi a empresaria do theatro de S. João do Porto, no inverno passado.

N'esse theatro madame Helder não enriqueceu: antes pelo contrario, fartou-se de perder dinheiro, porque toda a gente sabe que excellente negocio é ser emprezario lyrico no theatro de S. João.

A companhia que madame Helder traz a Lisboa não é precisamente a mesma que trabalhou no theatro de S. João, e com que depois andou correndo as provincias.

A maior parte dos artistas que vamos ouvir no theatro do Gymnasio são novos, escripturados expressamente para a série de representações que madame Helder tenciona dar em Lisboa.

Essas representações apresentam uma grande novidade, que estamos certos será recebida com alvoroço pelos dilletanti de Lisboa, e dará bons resultados á empreza.

Até agora as companhias d'opera italiana que nos teem visitado no verão, teem calçado o seu reportorio, pelo reportorio habitual do theatro de S. Carlos.

D'ahi dois inconvenientes: a falta de novidade nos espectaculos e o confronto inevitavel e esmagador para os artistas que cantam essas operas.

Evidentemente as companhias lyricas que nos visitam no verão, que vem dar recitas por preços baratos, para os nossos theatros pequenos, não podem ser de fórma alguma companhias de primeira ordem: são *troupes* de segunda e terceira ordem, em que não pódem figurar notabilidades, e que por conseguinte não pódem de fórma alguma soffrer confronto com as companhias lyricas de S. Carlos.

Ora sendo assim, que demonio de interesse, de attractivo póde ter para o publico de Lisboa ir ouvir cantar mediocremente por essas companhias as operas que mesmo muito bem cantadas já não o interessam em S. Carlos?

Se por exemplo a *Lucia*, a *Linda*, o *Trovador*, o *Rigoleto*, já nos massam em S. Carlos cantadas por artistas de primeira ordem, se mesmo com notabilidades, essas operas nos custam já a supportar, como havemos nós de ter pernas, que nos levem a um theatro onde se dão essas mesmas operas, com a unica differença de serem muito menos bem cantadas?

M.me Juliette Helder com uma finura que faz honra ao seu bom tacto de emprezaria, comprehendeu isto, e deu ao seu reportorio uma nova feição que tornando-o muito mais attrahente para o publico, o torna ao mesmo tempo muito menos perigoso para os artistas, porque no fim de tudo os pobres artistas eram sempre sacrificados n'esses desfavoraveis confrontos.

O reportorio que M.me Helder vae dar no Gymnasio é composto exclusivamente de operas antigas, ha muitos annos não cantadas em Lisboa, e que á força de velhas são completamente novas para a grande maioria do publico.

Por exemplo parece que a opera de abertura será o *Belisario*, que no nosso tempo nunca se cantou em S. Carlos. E ao *Belisario* seguir-se-ha a *Muda de Portici*, a *Anna Bolena*, os *Due Foscari*, etc., etc.

Como vêem, essas recitas que se annunciam tem um grande interesse de novidade; os poucos *dilletanti* que ainda as tenham nas suas reminiscencias antigas quererão ir matar saudades, recordar um bocado os passados tempos saudosos: aquelles que nunca as ouviram quererão ir fazer conhecimento com essas operas tão falladas por nossos avós.

E aqui tem como se nos afigura, que M.me Helder vae ter um grande *successo* no Gymnasio com a sua companhia e como os seus espectaculos vão seguramente ser um acontecimento importante em Lisboa.

E por emquanto, parece que no actual verão ficaremos reduzidos a isto; a companhia de opera italiana no Gymnasio, e á companhia de zarzuela que quando a nossa chronica sahir, se deve ter estreiado no Colyseu, companhia de que se dizem maravilhas mas que pouco tempo estará no Colyseu, porque as obras do novo caminho de ferro, não o deixará viver muito.

E a respeito de Jeanne Garnier e da sua companhia d'operetta franceza, em que tanto se fallou ha tempo, já ninguem falla ahi pelos theatros.

A Jeanne Garnier está já em Madrid, tem agradado alli estrondosamente, tanto ella como a companhia que a cerca, e que os jornaes hespanhoes, dizem ser a melhor que tem visitado a Hespanha, mas parece que o sr. Schurmann, o emprezario d'essa *troupe*, faz com ella despezas tão grandes, que nenhum emprezario de Lisboa se atreve a tomar as responsabilidades d'ellas, sobre tudo na estação em que vamos entrar, em que o calor vae afastar da capital a classe mais abastada, aquella que mais poderia concorrer a esses espectaculos.

Póde muito bem ser que os emprezarios tenham rasão na sua falta de coragem, mas elles terão rasão, nós o que temos é pena, porque a Jeanne Garnier e a sua companhia proporcionar-nos-hiam umas horas agradaveis n'essas noites tão pequenas pelo tamanho, mas tão grandes pela falta de divertimentos, que se estendem deante de nós.

Infelizmente no intervallo que medeou entre o escrever esta chronica e vermos as suas provas, deu-se um lastimoso acontecimento que nos obriga a accrescentar-lhes á ultima hora umas breves e rapidas linhas que encerram uma lugubre e dolorosa noticia.

Uma congestão cerebral matou hontem 20, um dos artistas mais illustres, um dos talentos mais notaveis e dos caracteres mais distinctos que eram honra e gloria do nosso mundo musical, o sr. Augusto Neuparth secretario e professor do Conservatorio Real de Lisboa, musico da Real Camara, musico do theatro de S. Carlos, socio da Real Associação dos Amadores de Musica, e dono do acreditado armazem de instrumentos musicaes da rua Nova do Almada.

Amigo sincero, admirador enthusiasta do illustre artista, sentimos profundamente a sua morte, essa morte que veio inesperadamente enluctar a musica portugueza.

Paz á sua alma santa, e, honra á sua memoria gloriosa.

Gervasio Lobato.

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Não é a biographia do digno presidente do conselho de ministros, o que se vae lêr; mas simplesmente algumas notas da sua vida politica, respigadas nas *Biographias Parlamentares Portuguezas*, livro agora publicado pelo sr. barão de S. Clemente, director geral da repartição tachygraphica da camara dos senhores deputados.

Estas notas veridicas de sua biographia, são mais eloquentes e tem mais valor do que um panegyrico floreado de adjectivos, com que muitas vezes a paixão ou o favor pertende engrandecer pequenas individualidades. N'ellas se resume a vida do homem publico, a sua actividade, o seu talento, os seus fóros de estadista, a sua individualidade distincta, sôbreapparecendo ao nivel geral, destacando-se evidentemente em o nosso mundo politico, onde uma carreira longa e experiente dos negocios publicos, a sua honradez reconhecida por todos, amigos e adversarios, onde tûdo isto emfim lhe valeu a chefia do seu partido, e a presidencia do actual gabinete que desde fevereiro de 1886 dirige a nação portugueza.

Eis as notas:

José Luciano de Castro Pereira Côrte-Real, que nasceu no concelho de Aveiro (quinta da Oliveirinha) a 14 de dezembro de 1834, foi eleito deputado para as seguintes legislaturas:

1853—De 2 de janeiro a 20 de junho de 1856—Feira.

1857—De 2 de janeiro a 2 de março de 1858—Idem.

1861—De 30 de maio a 18 de junho de 1864—Villa Nova de Gaya.

1865—De 2 de janeiro a 15 de maio do mesmo anno—Idem.

»—De 30 de julho a 14 de janeiro de 1868—Vianna do Castello.

1869—De 26 de abril a 23 de janeiro de 1870—Aveiro.

1870—De 30 de março a 20 de julho do mesmo anno—Aveiro e Lisboa.

»—De 15 de outubro a 3 de junho de 1871—Anadia.

1871—de 22 de julho a 2 de abril de 1874—Idem.

1875—De 2 de janeiro a 4 de março de 1878—Idem.

1879—De 2 de janeiro a 28 de agosto do mesmo anno—Idem.

1880—De 2 de janeiro a 4 de junho de 1881—Idem.

1882—De 2 de janeiro a 24 de maio de 1884—Idem.

1885—Tambem foi eleito pelo circulo de Anadia, para a legislatura que começou a 14 de dezembro de 1884, e continuou até ao dia 7 de janeiro de 1887, em que foi dissolvida a camara dos deputados.

Tem 39 sessões legislativas.

Foi ministro da justiça, desde 11 de agosto de 1869 a 20 de maio de 1870.

Do reino, de 1 de junho de 1879 a 25 de março de 1881.

Foi nomeado presidente do conselho de ministros e ministro do reino, por decreto de 20 de fevereiro de 1886.

Como deputado, teve a iniciativa sobre os seguintes projectos de lei:

1855—Estabelecendo uma contribuição sobre as pessoas que visitassem o convento do Bussaco, applicada á conservação e reparação do mesmo convento.

1856—Regulando as nomeações dos escrivães dos juizes eleitos, tornando vitalicia a duração das suas funcções.

»—Authorisando o governo a reformar a administração publica, segundo as regras indicadas no mesmo projecto.

»—Para serem obrigadas as camaras municipaes a aforarem os terrenos baldios.

1857—Para ser creada uma cadeira de latim na villa de Ovar.

1861—Sobre a repressão do crime de moeda falsa.

»—Reformando o processo e julgamento dos crimes por abuso de liberdade de imprensa.

»—Estabelecendo que o sorteamento dos mancebos recenseados para o recrutamento do exercito fosse feito em relação ás freguezias de cada concelho.

»—Reformando a organisação judiciaria das comarcas de Lisboa e Porto.

1863—Supprimindo os juizes ordinarios e os sub-delegados do procurador régio

»—Isentando do pagamento dos direitos de mercê os aforamentos de terrenos baldios feitos pelas camaras municipaes.

1867—Confirmando o decreto pelo qual o governo havia concedido á camara municipal de Aveiro as ruinas do paço episcopal d'aquella cidade.

Como ministro da justiça:

1870—Suspendendo a execução do artigo 2:116.º do Codigo Civil.

»—Alterando a tabella dos salarios e emolumentos dos conservadores.

»—Sobre a reforma penal.

»—Reforma do processo civil.

»—Sobre fianças.

»—Extinguindo a Relação Commercial de Lisboa.

»—Regulando os despachos dos juizes de 1.ª e 2.ª instancia, e dos delegados do procurador régio, para as ilhas adjacentes.

»—Fixando a dotação do episcopado e dos cabidos.

Como deputado:

1872—Reformando alguns artigos da Carta Constitucional. Renovou a iniciativa d'este projecto de lei em 1873, 1874, 1875, 1876 e 1883.

1874—Prorogando por dois annos o praso estabelecido no artigo 1.º do decreto de 28 de dezembro de 1869, ampliado pela lei de 12 de setembro de 1871, ácerca dos julgados.

1879—Authorisando o governo a ceder gratuitamente á camara municipal de Tavira o edeficio pertencente ao Estado, e que serviu de estação da guarda principal, na praça d'esta mesma cidade.

Como ministro do reino:

1880—Reformando o Codigo Administrativo.

»—Reformando a instrucção primaria.

»—Authorisando o governo a levantar um emprestimo de 2.000:000$000 réis, com applicação á construcção de edificios para escholas de ensino primario do continente e ilhas adjacentes, e edificios dos lyceus nacionaes de Lisboa, Coimbra e Porto.

»—Authorisando a creação, em todo o reino, de uma associação que se denominaria *Associação nacional promotora de ensino popular sob a protecção da rainha D. Maria Pia.*

»—Reformando a instrucção secundaria.

»—Creando, junto ao ministerio do reino, um conselho de instrucção publica.

»—Reformando o Supremo Tribunal administrativo.

»—Supprimindo dous lugares de ajudante do laboratorio astronomico da universidade de Coimbra.

»—Ácerca das estradas reaes.

»—Reformando o quadro do pessoal da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

»—Reformando o serviço do Lazareto de Lisboa.

»—Creando dous lugares de facultativos, assim como os de enfermeiros e enfermeiras, e mais um fiscal e dous ajudantes, no Lazareto de Lisboa.

»—Modificando a disposição do artigo 3.º da carta de lei de 20 de abril de 1876, que concede uma pensão de reforma ás praças de pret das guardas municipaes.

»—Authorisando a creação de uma eschola agricola destinada a educar e a tornar aptos para os trabalhos agricolas e industriaes correlativos os menores que, por vadios ou mendigos, fossem postos á disposição do governo, em conformidade dos artigos 256.º e 260.º do Codigo Penal

»—Ampliando aos officiaes inferiores das guardas municipaes de Lisboa e Porto as disposições do projecto de lei n.º 175, já votado, que permittia poderem ser readmittidos por periodos successivos de tres annos, e lhes concedia a reforma logo que tivessem 45 annos de idade e 24, ou mais, de bom e effectivo serviço, com os vencimentos marcados no mesmo projecto.

Como deputado:

1882—Reforma eleitoral, de que renovou a iniciativa em 1883, assim como da Carta Constitucional.

»—Para que os orçamentos ordinarios dos districtos do reino fossem discutidos e votados pelas juntas geraes nas suas sessões ordinarias do mez de novembro.

1883—Para que fosse fixado annualmente pelas côrtes, sob proposta do governo, o maximo da percentagem addiccional ás contribuições directas do Estado para as despezas districtaes, municipaes e parochiaes.

»—Authorisando as juntas de parochia a collectar, para as suas despezas, as respectivas irmandades e confrarias.

Como ministro do reino:

1886—Applicando o producto da venda do extincto convento de Santa Rita á construcção de um quartel para uma das companhias da guarda municipal de Lisboa.

»—Approvando o contrato para a illuminação a gaz na cidade do Porto.

»—Para que os exames de instrucção secundaria continuassem a ser feitos na fórma que determina a lei de 9 de junho de 1885.

»—Para que continuassem em vigor os artigos 2.º e 3.º da lei de 10 de fevereiro de 1854, e 1.º, 3.º e 4.º da de 5 de julho de 1855, até ao fim do futuro anno economico.

»—Authorisando o governo a adiantar á camara municipal de Lisboa uma quantia igual á consignação que ella devia receber do thesouro publico, durante o primeiro semestre do anno economico de 1886 1887.

São estas as notas que, relativamente á vida parlamentar do illustre estadista encontrámos no consciencioso livro do sr. barão de S. Clemente.

Na imprensa o sr. José Luciano de Castro iniciou a sua carreira collaborando no *Observador*, o actual *Conimbricense*, e que viu a primeira luz publica a 16 de novembro de 1847. Foi um dos fundadores do *Campeão das Provincias*, em 1851.

Em 1855 fundou *A Aurora*, periodico litterario, com o sr. José Eduardo de Almeida Vilhena. Fez parte da redacção do *Commercio do Porto*, e foi redactor principal do *Nacional* e do *Jornal do Porto* que redegiu até 1863.

Collaborou em 1856 a 1857 na *Revolução de Setembro* com Antonio Rodrigues Sampaio Lopes de Mendonça, Latino Coelho etc. e depois no *Progresso*.

Fundou, em 1868, *O Direito* com o sr. dr. Alves da Veiga, periodico forense de que ainda hoje é proprietario e redactor.

Tambem foi um dos fundadores da *Gazeta do Povo*, em 1869, e fundou *O Paiz* que em 1876 passou a denominar-se *O Progresso*.

Publicou em 1856 um livro *A questão das subsistencias* trabalho de muito estudo.

Como funccionario publico desde 1863 que occupa o elevado cargo de director geral dos proprios nacionaes, e ha pouco foi eleito governador da Companhia do Credito Predial Portuguez, logar vago pela morte de Fontes Pereira de Mello.

R.

FONTES E THOMAZ RIBEIRO

Entre as muitas homenagens que se teem prestado á memoria do grande estadista Fontes Pereira de Mello nenhuma de certo foi mais sympathica do que a que vamos narrar. Quem tomou a iniciativa foi o nosso presado amigo Thomaz Ribeiro, coração de ouro, espirito brilhantissimo, que junta a um talento de primeira ordem as mais nobres qualidades.

Amigo particularissimo de Fontes Pereira de Mello, recebera sempre d'esse grande homem os mais irrecusaveis testemunhos de affecto e de estima.

Poucos seriam os homens politicos por quem Fontes Pereira de Mello tivesse tanta deferencia. Não o apreciava só como homem de Estado, como habil parlamentar, apreciava-o tambem como collega dos mais leaes, como amigo provado e serio em todas as luctas, em todas as peripecias da existencia politica do partido regenerador. Tinha verdadeira satisfação quando podia associar-se com elle no ministerio. Em 1883 via-se obrigado a privar-se de sua cooperação, porque Thomaz Ribeiro, com a nobre e austera lealdade do seu caracter, entendeu não dever abandonar um seu subordinado, que tomára, em assumpto politico de alta importancia, uma iniciativa que o conselho de ministros não podia approvar, na sua maioria entende-se, porque outros ministros compartilhavam a opinião do snr. Thomaz Ribeiro.

Apenas porém as circumstancias mudaram, quando se tornou necessaria uma nova modificação ministerial, foi logo de Thomaz Ribeiro que se lembrou, e teve a alegria de o contar assim no numero dos seus collegas da ultima hora, de o ter por companheiro nas ultimas luctas que sustentou, nas suas ultimas pelejas.

Ninguem teve tambem dôr mais vehemente do que Thomaz Ribeiro quando rebentou em Lisboa a infausta noticia da morte do grande estadista. N'aquella confusão dos primeiros momentos, nenhum de nós absorto na sua propria dôr, podia lembrar-se de investigar os sentimentos alheios; dois mezes porém depois da morte de Fontes, encontrámo-nos, eu e Thomaz Ribeiro no caminho de ferro; ia eu a Coimbra, elle para a sua querida aldeia. Eram perto de nove horas da noite quando o comboyo se poz em marcha; iamos sós n'um wagon. Enfiado o bonet de viagem, accesos os charutos, abertas as portinholas para entrar livremente a brisa do Tejo, começou a palestra, e durante essas horas de viagem, alli a sós, na intimidade d'uma conversação despreoccupada, n'aquellas horas da noite em que parece que se expande mais facilmente o coração, pude eu perceber deveras quão fundo fôra o golpe que Thomaz Ribeiro soffrera.

Ia a Parada de Gonta celebrar na sua risonha aldeia, immortalisada pelo seu genio no primeiro canto do *D. Jayme*, as exequias do grande homem.

Queria que fossem grandiosas e solemnes! que tivessem a dar-lhes relevo todas as pompas da natureza, e todos os explendores que a arte podesse accender n'aquelle recanto de Portugal. A natureza dava-lhe as primeiras flores da incipiente primavera, o macio relvado dos campos bafejados pelas primeiras brisas de março. A arte ia dar-lhe todos os recursos de que Vizeu podia dispôr. Empenhado ardentemente em dar uma prova do seu affecto e da sua saudade ao grande estadista que fallecera, Thomaz Ribeiro, que não é rico, empregou em pagar essa divida de coração talvez as suas economias de muitos mezes, e deu-as sem ostentação, sem o desejo de se

pôr em evidencia no seio do partido, lá no fundo da sua Beira, sem pomposos chamarizes nos jornaes de Lisboa, porque eu, se pude dar no *Correio da Manhã* noticia da solemnidade, foi porque a encontrei narrada n'um obscuro jornal viziense.

E, se hoje conseguimos que Thomaz Ribeiro désse para serem gravadas e copiadas no *Occidente* as photographias da escola Fontes Pereira de Mello, e da casa do grande poeta em Parada de Gonta, foi sobretudo por ter elle justo desvanecimento em querer que todos conheçam a escola que tem o grandioso nome gravado na frontaria, nome que tem agora sob a sua égide um

ninho obscuro
onde se nutre e empenna a aguia do futuro

como á escola primaria chamava na sua magnifica linguagem outro grande poeta—Castilho.

E reparem agora: ao lado da casa de Thomaz Ribeiro está outra bem pittoresca no seu velho aspecto de casa provinciana, com a sua capella, cuja cruz se distingue por cima dos muros que encobrem a porta. Sabem qual é essa casa? É a casa de D. Jayme

a casa que entre arvoredos
alli... sosinha vivia;
tem pardos musgosos muros
em que estreitas, brancas listas
imbutem a cantaria;
tem no centro sobre a porta
um brazão de fidalguia;
e tem do lado oriental
uma formosa capella
tão vistosa e festival,
que não ha outra mais bella
n'outra aldeia em Portugal.

Ahi teem o scenario, alindado com todas estas poeticas recordações! agora gravemos em dois traços, porque nos falta o espaço, a memoria da solemnidade.

*

Foi no dia 28 de fevereiro; ás dez horas da manhã estavam já as ruas campesinas de Parada de Gonta cheias de trens que conduziam as pessoas mais importantes do districto. Não concorreram alli menos de 600 pessoas das aldeias visinhas e de Tondella e de Oliveira do Conde e de Vizeu e de Coimbra e de Lisboa. Eram mais de 40 os trens que alli se apinharam.

Ás onze e meia começou a funebre ceremonia. A estreita capella, que serve de egreja parochial, não podia litteralmente conter a decima parte da gente que desejava entrar. Uma orchestra de amadores de Vizeu, dirigida pelo grande musico, porque assim deveras se lhe póde chamar, Luiz Dalhunty, e em que tocavam, entre outros, o conservador da comarca o sr. Homem e o tenente-coronel Figueiredo, uma das mais sympathicas physionomias do nosso exercito, encarregara-se da parte musical; prégou um sermão explendido o conego Almeida Martins. Tinha de curioso o modesto cenotaphio o ter sobre si a propria espada e o proprio capacete de Fontes Pereira de Mello, que a irmã do fallecido emprestára para esse fim ao grande poeta cujos delicados sentimentos ella soube perfeitamente comprehender.

Tambem sobre esse cenotaphio tinham sido depostas duas poesias excellentes, uma d'ellas composta por uma senhora de raro talento e de nobilissimo coração, a sr.ª D. Emilia Motta, outra pelo sr. Francisco de Menezes.

Assim se celebrou com desusado explendor em taes paragens a ceremonia da funebre homenagem.

*

Seguiu-se depois a outra homenagem mais levantada e mais sublime, porque era a que engastava para sempre o nome glorioso de Fontes Pereira de Mello n'uma d'essas instituições que são os centros luminosos da região onde se erigem, porque irradiam a luz que vae dissipar, ou pelo menos sulcar com um largo clarão as trevas da ignorancia.

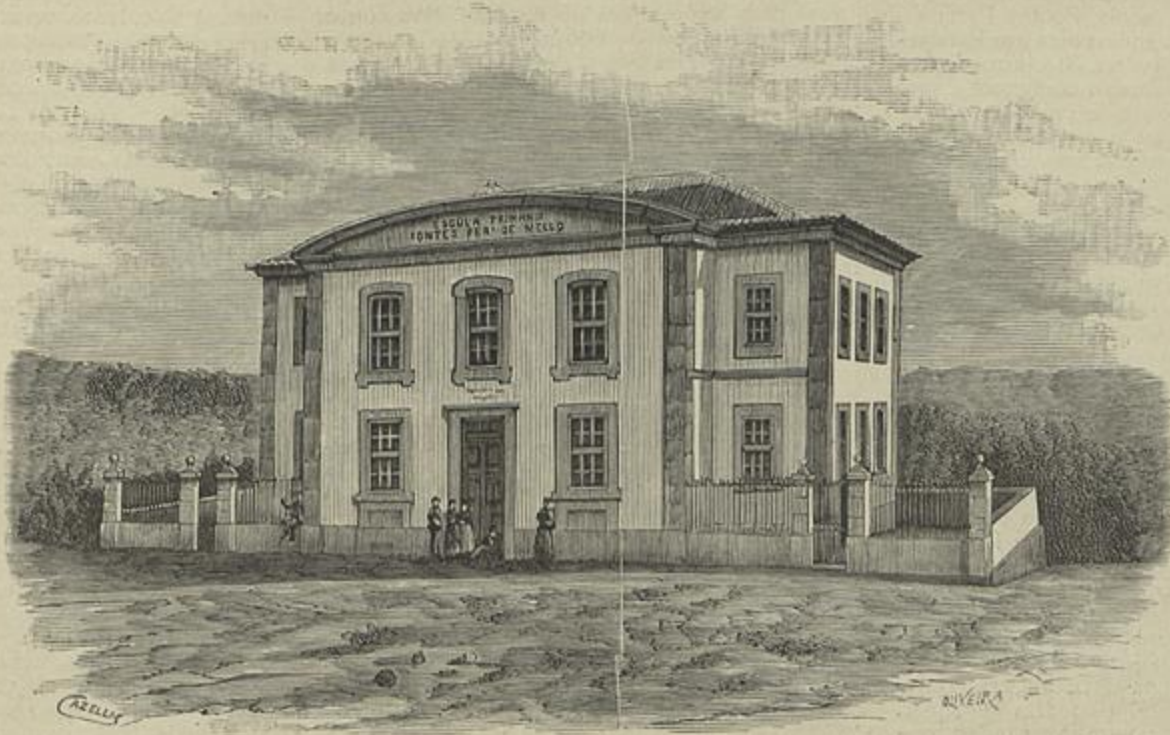
Era a inauguração da escola. O elegante, simples, e excellente edificio, que a nossa gravura representa, estava interiormente adornado com inexcedivel bom gosto com ricas colgaduras de setim e damasco, e sobretudo com rara profusão de flores. Corôas de camelias, de perpetuas, de margaritas e de violetas ornavam os quatro cantos da sala. O espirito, sacudindo as lugubres impressões das exequias, evolava-se, com os aromas das flores, ás regiões sublimes onde pairam os lucidos espiritos, como o era o do grande homem, cuja memoria se invocava.

Constituida a assembléa, debaixo da presidencia do sr. Fernando Novaes, que, apesar de pertencer ao partido progressista, se associou nobremente a essa grande homenagem nacional, tomaram a palavra successivamente os srs. Luiz Ferreira, Miguel Tudella, Mello Braga, Rodrigues Cordeiro, o dulcissimo poeta, e fez ouvir emfim a sua voz eloquente entre todas, mais eloquente de certo n'esse momento, em que a inspiravam sentimentos tão nobres, o iniciador de tudo aquillo, o poeta immortal, o homem de verdadeiro genio que se chama Thomaz Ribeiro.

Depois seguiu-se o banquete, dado pelo grande poeta aos seus convidados, banquete opiparo, servido em tres mezas, com cento e cinco talheres, e em que se manifestou largamente a proverbial hospitalidade beirã.

E assim terminou essa solemne ceremonia, de certo uma das mais sympathicas e das mais grandiosas homenagens, que por todo esse paiz se prestaram á memoria de Fontes Pereira de Mello.

P. C.

CONVENTO DE ODIVELLAS — Claustro de D. Diniz (Desenho do natural por Caetano Alberto)

ESCOLA FONTES PEREIRA DE MELLO, EM PARADA DE GONTA

VIDE ARTIGO FONTES E THOMAZ RIBEIRO (Segundo uma photographia

CASA DO SR. CONSELHEIRO THOMAZ RIBEIRO, EM PARADA DE GONTA

VIDE ARTIGO FONTES E THOMAZ RIBEIRO (Segundo uma photographia)

O MOSTEIRO DE ODIVELLAS

(Conclusão do n.º 278)

VI

O TUMULO DE D. FILIPPA DE LENCASTRE

Esta princeza, que em tão verdes annos experimentou os mais duros golpes do infortunio, repoisa em tumulo de marmore na capella, que fica do outro lado da capella mór em correspondencia áquella em que se ergue o mausoleu d'el-rei Diniz. Ambas estas capellas são, como já dissémos, da fabrica primitiva do rei Lavrador. Porém a sua unica feição architectonica reduz-se a abobadas de cantaria artesoadas, construidas com muita simplicidade.

D. Filippa de Lencastre possuira muita e variada instrucção, e não illustrou o mosteiro de S. Diniz unicamente com a pratica das suas virtudes, mas tambem com as suas producções litterarias. Compoz algumas obras misticas, que foram impressas, e n'esse tempo muito apreciadas. Traduziu do latim as obras de S. Lourenço Justiniano, patriarcha de Veneza, e do francez um livro de evangelhos e Homilias, que deixou manuscripto, e que ornamentou com illuminuras, pois que entre as suas prendas contava-se a de desenhar e illuminar com muita facilidade, e alguma perfeição. Este livro, que as religiosas de Odivellas conservavam com grande estima e veneração, e por mais de um titulo digno de apreço, deve achar-se ainda no mosteiro, se não foi comprehendido nos objectos extraviados.

Dissémos que D. Filippa de Lencastre consagrára-se á vida monastica, mas sem professar. Saíu do mosteiro uma vez, para ir ser enfermeira de sua sobrinha, a princeza Santa Joanna, na doença, que lhe pôz termo á vida no convento de Jesus, em Aveiro, onde se achava recolhida. Depois de lhe prestar os ultimos obsequios, regressou immediatamente D. Filippa á sua modesta cella no mosteiro de Odivellas. Tambem foi em romaria a S. Thiago de Compostella.

VII

O THESOIRO DO MOSTEIRO

Foi celebrado outr'ora o mosteiro d'Odivellas pela opulencia do seu thesoiro em vasos sagrados, e outras peças de oiro e prata do ornato das imagens e dos altares, e do serviço do culto; em paramentos, armações e diversidade de alfaias. Desde el-rei D. Diniz até D. João v poucos soberanos deixaram de enriquecer a egreja de S. Diniz com valiosas offerendas da munificencia regia.

Infelizmente o terramoto de 1755 sepultou sob as ruinas da egreja e do mosteiro uma grande parte d'essas preciosidades, dando ao mesmo tempo occasião a que muitas, que escaparam á acção destruidora do cataclismo, fossem desencaminhadas e para sempre perdidas. Mas não se limitaram a estes prejuizos as perdas d'aquelle thesoiro, pois que ainda não ha muitos annos possuia bastante copia de peças de prata e de paramentos ricos, que serviam nas principaes festividades.

Porém, quando ha pouco tempo o estado entrou na posse do mosteiro, pelo fallecimento da ultima religiosa, achou toda aquella riqueza reduzida quasi a verdadeira pobreza.

Os objectos, que alli existiam, e que mereçam ser mencionados, são apenas os seguintes:

Uma cruz de vidro, com 0m,36 de altura, do seculo xv; uma alampada de prata, ornamentada com cinco pyramides e outros tantos pingentes, fabricada no seculo xvii; um rico e formoso frontal de seda branca, bordada a oiro e matiz; um tapete de veludo, lavrado de differentes côres, e guarnecido de larga franja de retroz, tambem de côres; e uma meza de ebano, com 0m,35 de altura, e 0m,96 de comprimento. Pretende uma antiga tradição, que aquelle tapete seja obra da industria persa.

Todos, ou parte d'estes objectos são destinados ao museu de Bellas Artes, estabelecido no palacio da rua das Janellas Verdes.

VIII

O CLAUSTRO E OFFICINAS DO MOSTEIRO

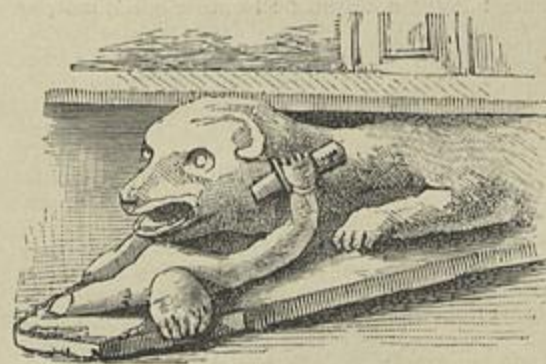
A gravura junta, que representa o claustro, dispensa a descripção. E tambem a torna desnecessaria a sua propria singeleza, que nos está revelando a muita antiguidade d'esta fabrica.

Na parede do claustro, fronteira ao altar de S. João Baptista, está um sepulchro, onde jaz D. Maria Affonso, filha bastarda d'el-rei D. Diniz, a qual foi religiosa d'este mosteiro, e n'elle falleceu no anno de 1320, vivendo ainda seu pae.

Dão alguns auctores a esta senhora o titulo de infanta, que ella não teve. Aos filhos illegitimos dos nossos reis nunca foi concedido semilhante titulo, nem nos tempos modernos, em que, por occasião de serem reconhecidos como filhos de soberano, se lhes concedia por decreto real o tratamento de alteza.

Quando referimos o fallecimento da rainha D. Filippa de Lencastre no mosteiro d'Odivellas, deveriamos ter observado que não seguimos a opinião do chronista Fernão Lopes, que diz na chronica d'el-rei D. João i, que morrera aquella soberana no logar de Sacavem. Julgamos conveniente declarar, que, apesar de ser Fernão Lopes um escriptor auctorisado, temos fortes rasões para seguir o parecer dos outros chronistas, que põem aquelle acontecimento no mosteiro de Odivellas.

O refeitorio, cosinha e mais officinas são proporcionadas á vastidão do mosteiro, e ao avultado numero de religiosas, que compunham a communidade na primeira metade do seculo passado. Porém, é tudo obra de differentes reconstrucções, sendo as principaes emprehendidas por el-rei D. João iv, por el-rei D. João v, e por el-rei D. José i, esta ultima para reparação das ruinas causadas no mosteiro pelo terramoto de 1755.

A cerca foi outr'ora, como já dissemos, quinta real. Conserva d'aquelle tempo, como memoria de seus antigos senhores, a denominação de *Valle de Flôres*, com que é ainda designado o seu jardim. É extensa esta cerca, e contém excellentes terrenos. Corta-a e rega-a um ribeiro. Tem um grande lago e varios tanques.

A pequena gravura que aqui se vê é a representação do caso da lenda, que deu origem á fundação do mosteiro de Odivellas; e ao qual nos referimos em outro lugar. Apesar da grosseira execução da esculptura, e da incorrecção do desenho, reconhece-se perfeitamente nas duas figuras um homem (el-rei D. Diniz) deitado de costas debaixo de uma fera (o urso), no acto de lhe cravar uma faca ou punhal junto da garganta. Estas figuras, feitas em vida e por ordem do proprio soberano, constituem um documento incontestavel, que comprova a veracidade da lenda.

I. de Vilhena Barbosa.

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA

V

Finalmente chegámos a Cintra.

Depois de cinco semanas de viagem o leitor concordará que não viémos muito depressa, mesmo muito mais de vagar viémos do que nos antigos omnibus do Bandarra, mas em compensação com muito menos poeira.

E é, afinal, entre outras muitas, uma das grandes vantagens que tem a viagem em caminho de ferro sobre a pela estrada ordinaria.

Não ha os acalentadores solavancos do trem ou do char-a-bancs, não ha a costumada paragem na Porcalhota onde se tomava alguma coisa na commensalidade dos cocheiros e até dos cavallos, não temos as imprecações dos maltezes nem as exigencias dos pobres que estendiam, ao domingo, as suas mazellas, na estrada de S. Pedro,—temos uma rapida corrida de uma hora desde Lisboa a Cintra, com todas as commodidades que offerece o deslisar d'uma carruagem sobre carris d'aço, e como a velocidade de 40 kilometros por hora nunca é excedida, não sentimos a poeira a asphyxiar-nos como succede nas grandes linhas da America onde as companhias estudam a maneira de, por meio de vidraças duplas, evitar que os passageiros morram afogados em pó, dentro dos compartimentos, mesmo os mais confortaveis.

É n'estas condições que chegámos á estação de Cintra que é, depois da de Lisboa, a mais completa da linha.

A estação foi, como se sabe, localisada na villa Estephania, estendendo os seus dominios desde o kilometro 27,036 até o 27,445 e terminando junto á Villa Guedes, onde é a placa rotatoria para as mercadorias.

O risco da estação visto tanto do lado interior como do exterior, é elegante, bem traçado. D'ella damos hoje a gravura do lado interior e por ella o leitor póde convencer-se da nossa verdade.

O edificio de passageiros comprehende as salas, escriptorios de telegrapho e chefe da estação e outras dependencias, formando um parallellogramo de 32,70 metros de comprimento por 9 de fundo.

Separado d'este ha outra construcção que vemos na gravura e é distinada a restaurant. Este edificio tem dois defeitos, um de nascença e outro transitorio—ser pouco espaçoso para o fim a que é destinado e... estar fechado ainda.

Em frente ha um caes coberto para mercadorias, na extensão de 32 metros e outro descoberto de 60 metros, uma cocheira para 12 carruagens, bascula de wagons, bomba etc.

Ao sahir da estação conhece-se logo que se chegou a um ponto muito visitado pelo publico, tal é a quantidade das pequenas industrias que offerecem os seus productos por aquella estrada abaixo, sobresaindo as queijadeiras, uma das especialidades locaes, que affluem ás dezenas, a tentar o viajante com as suas frescas tigelinhas d'arroz doce, já empacotadas em pequenos volumes de meias duzias, para não demorar os compradores.

A industria do mendigo tambem para ali transportou os seus arraiaes, e não ha chaga sangrenta, perna dissecada, braço torcido ou cegueira complecta que não se tenha para lá transferido, da velha estrada de S. Pedro, lamuriando as esmolas dos passeiantes e esperando que a policia ou a camara se lembrem de... cuidar melhor de evitar ao publico estes asquerosos espectaculos.

Além d'estes, o viajante encontra na esplanada da estação uma boa duzia de omnibus e riperts, que por meio tostão o levám á praça da villa.

Vale bem a pena para os commodistas, ou á hora do sol, que tambem ali queima, como em Lisboa, não obstante a fresca brisa que se enfia pela estrada de Collares e vem lavar continuamente a villa, gastar este meio tostão.

De manhã cedo ou de tarde, porém, o passeio pela estrada do Duche é poetico e ameno, e depois o centro da villa é tão proximo que em 10 minutos tem-se descido a curvilinea estrada que da estação conduz á praça.

Chegados ahi encontramos a mesma vida de outr'ora, quando a viagem se fazia unicamente em trem ou char-a-bancs; os mesmos burros, a mesma perseguição dos respectivos donos querendo levar-nos logo a correr para qualquer parte. A correr é um modo de dizer, ou montei n'outro dia n'um jerico que se chama Bonito que só deixou de andar a passo... quando se estendeu no meio da estrada.

Aqui lhe fica o meu voto de censura impresso, como impressas lhe ficaram nas ancas quatro palmadas minhas, que me deixaram a mão a arder, sem comtudo conseguir fazel-o andar menos devagar.

É n'este ponto, na praça, que a população que vae no comboio se separa em differentes direcções, uns para o parque da Penna, outros para as quintas que matisam aquellas montanhas, outras para Collares, de fórma tão singular e tão rapida, que um trem vasa ali por vezes mil passageiros, e meia hora depois já ninguem os encontra.

Como vêem Cintra não está tão transformada como muitas pessoas a affirmam, d'aqui, sentados n'um banco da Avenida ouvindo dizer que na vespera foram ali tres ou quatro mil pessoas.

Vão lá n'um desses dias e se encontrarem um cento nas estradas da Penna ou na fonte dos Passarinhos dou-lhes... uma duzia de queijadas.

Até o meu amigo Gervasio Lobato me vem dizer no seu espirituoso *Relance* da *Moda Illus-*

trada que Cintra se transformou, que vae lá toda a gente, que por isso proferiu ir jantar a Queluz, já que não póde ir para o hotel Elevador em Braga, unico sitio onde se come bem.

Pois este seu creado affirma-lhe que o melhor *gourmand* não preferiria os jantares do Gomes ou de Queluz ao que ha dias me foi servido no Castro, á esquina da Praça, pela modica quantia de 700 réis.

E olhem que não o digo para fazer *réclame* encommendado, porque estive ali tão ignorado, como se jámais em minha vida tivesse conversado com os leitores d'este ou d'outro periodico.

E além d'isso, o dono da casa não me agradeceria a recommendação, porque, mandar para lá o Gervasio, era tornar o jantar mau, porque... não chegava para mais ninguem.

L. de Mendonça e Costa.

DOM TAROUCA

(Conclusão)

E, n'aquelles suppostos funeraes satanicos, as salvas dos trovões, artilhariadas com uma valentia imponente, a cada minuto redobravam d'estrepito, avisinhando-se e avolumando-se truculentamente, assollando todo o céu, transportadas e espalhadas pela revoada invisivel das pesadas nuvens fuliginosas. Na sua cosinha, humedecida já, os dois rezavam em alvoroço, tão perturbados pela violencia brusca da tempestade, que não precisavam de resistir ao somno habitual, e quasi se esqueciam um do outro, atoleimados. Os relampagos, repetidamente, deviam allumiar tudo, ares e montes frementes d'um panico assombrado, com os seus luzeiros cegantes e fantasmaticos; porque, atravéz das frinchas das telhas e das pequenas chaminés rudimentares das bafoeiras, por onde costumavam passar as transparentes barras de sol que marcam o andar das horas, redansadas d'atomos poentos e azulados do fumo, introduziam-se agora os clarões fugazes e apavoradores, sem numero, semelhantes a vivos reflexos d'aço faiscante. Ao mesmo tempo, a chuva engrossava, vergueirava aguaceiros furiosos, n'um alagamento; e pelas rugosidades das encostas, pelos sulcos fragosos dos corregos, despenhavam-se torrentes colericas e ruidosas, improvisadas estabalhoadamente pelas bategas diluviaes, urrando n'um rouquejante estrondo, que se tomaria tambem por um descommunal trovão continuo. Assopradas, como instrumentos cyclopicos, pelo tufão poderoso, as anfractuosas gargantas sibilavam com estridor; emquanto que as mattas, e os soutos, e os arvoredos dispersos dos campos, affastados ou proximos, gemiam e zoavam n'um profundo côro fluctuante,—com as mais vigorosas ramarias torcidas e convulsionadas, sem duvida, ao modo de simples cabelleiras; e a espectaculosidade formidavel da tormenta como que se duplicava, recrudescia, e ricocheteava, exacerbadamente, repercutida pelas quebradas echoantes das serras. Era um desconcerto clamoroso e atterrador de cataclysmo, que a muita gente estarrecida lembraria, ás vezes, a retumbante voz da noite cantando tremendamente o anniquilamento do mundo; ou então, quando se condensava em proporções fabulosas, dir-se-ia que as proprias trevas, como animadas e ferinas bestas monstruosas, circulassem extravagantemente pelo espaço, n'uma cavalgada walkyriana, ululando sobrenaturaes ameaças e lamentos.

Amarfanhado, tolhido com medo, o Estevam tremia, não atinava com as salvadoras palavras do padre-nosso, decoradas e sabidas desde a infancia; e, a espaços, soltava gritos irreprimiveis, aparvoado n'um temor pueril, bradando:

—Ai, minha mãesinha, que eu morro aqui!

A mulher continuava a rezar, afflictivamente, desfiando as contas d'um rosario bento. De repente, espancadas por um impetuoso empurrão do vento, as meias portas de madeira d'uma janella escancararam-se, estalando; de relance, pelo hiato aberto, fulgurou uma estupenda illuminação magica, em que nuvens corriam em tropel, com feitios esboçados de chimeras, zebradas, virguladas de scintillas d'ouro relampagueantes; uma descarga da metralha trovoante explosiu fulminadoramente, como se alguns céus sobrepostos acabassem de desabar uns sobre os outros, com um fracasso incontavel; e um traço de fogo, subitaneo e volante, penetrou em casa, emquanto parte do telhado abatia, de roldão, com uma barulheira de ruina que se desmorona, por cima da moleira prostrada, emmudecida d'espanto. Foi o golpe final, o ultimo abalo que desorganisou a razão bruxuleante do Estevam. Julgou a sua Delfina esmagada, morta,—embora ella começasse a revolver-se na confusão dos escombros, estrebuxando a custo, com gemidos abafados, n'uma suffocação. Como um velho relogio, sobre que brutalmente se despedisse um murro, ou que se entalasse entre os grosseiros gonzos d'uma porta massiça, o seu vacillante cerebro escangalhou-se irremediavelmente, revolto e turvo, arrepellado pelos mil turbilhões inconheciveis e torturantes da loucura, da horrivel e mysteriosa vertigem que se agita dentro d'um craneo, sugando, extenuando, inanimando um corpo inteiro. E o miseravel, com a bocca tregeiteada em esgares de terror, com os olhos saltantes, aos berros, abriu a porta, e fugiu febrilmente, desertou, fustigado pela chuva, errante na tumultuosa noite, em que a escuridão lobrega e molhada se alternava de claridades fosforescentes, sob as detonações reboladas da trovoada.

Mal amanheceu, a Delfina arrastou-se penosamente até ao logar, manquejando, ferida e toda mortificada de contusões. Do extraordinario combate nocturno das forças da natureza, restavam as terras escalavradas de regueiras, que as aguas borrascosas escavaram, os atalhos intransitaveis, alguns castanheiros enormes com as perneiras destroçadas pelos raios, e todas as arvores arrepiadas, murchas, immoveis no ar aplacado; em quanto que um nublamento monotono toldava o azul, e a passarada calava-se nos seus abrigos, recolhia-se n'um entristecedor silencio. Na povoação, a moleira queixou-se chorosamente do desapparecimento do seu homem, ás primeiras pessoas que achou a pé, estremunhadas, ainda enervadas de susto; e como lhe dissessem que não tinham visto o fugitivo, ella, miudamente, narrou a sua desgraça: o perigoso esbarrondamento do seu telhado, que por pouco a não enterrara viva, o singular berreiro incomprehensivel do Estevam, quando abalou, e a sua lucta solitaria para se salvar, presa no entulho, para se desembaraçar do montão d'esmigalhadas telhas, de taboas e traves partidas. Em vão chamára pelo marido, depois, com longos appellos infatigaveis, que a treva sempre deixou sem resposta; e aquella ausencia inexplicavel enchia o seu peito d'apprehensões amargurantes!

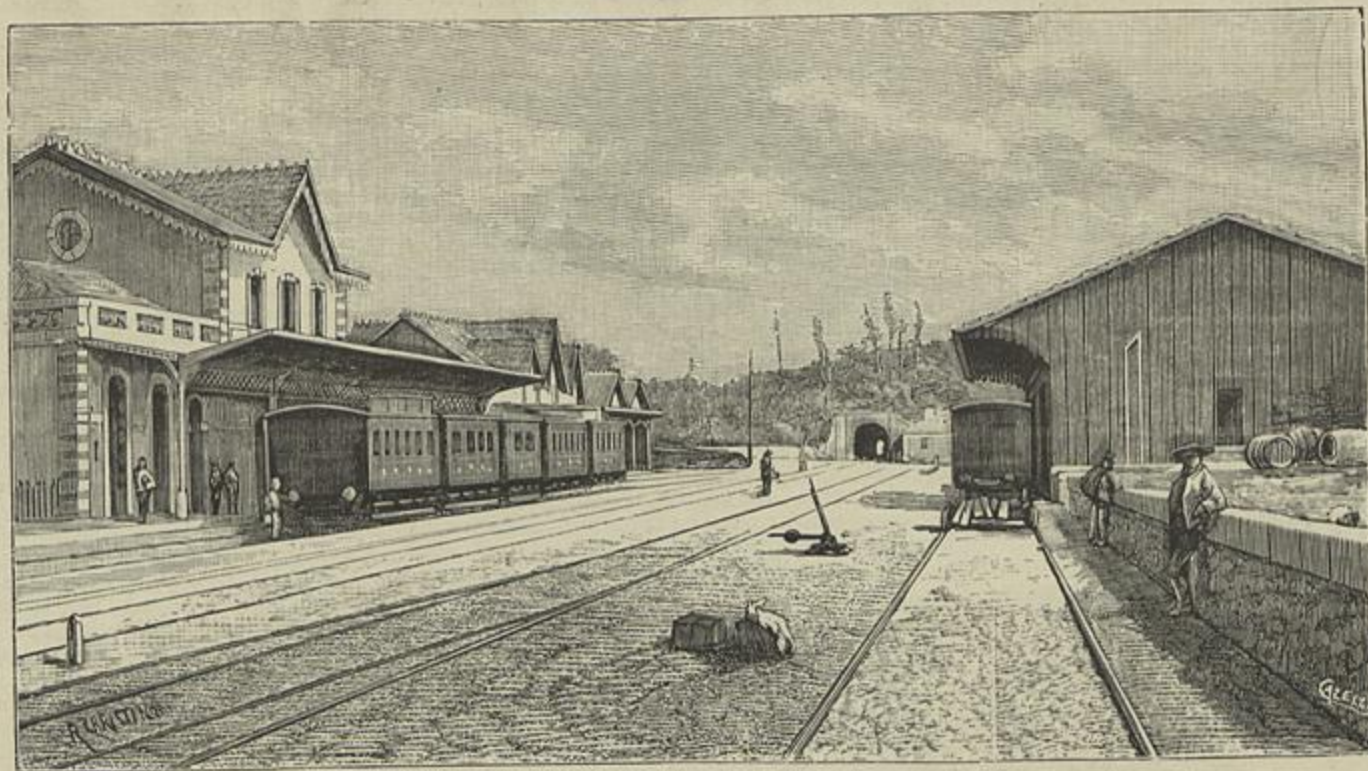
Durante o dia, ajudada por um bando de gente dedicada, a Delfina percorreu todos os arredores, rebuscando diligentemente os sitios menos frequentados, e os encharcados e bastos pinheiraes; mas não conseguiu encontrar o desventurado, nem sequer averiguar rastro algum da sua passagem. Apaixonada, minada intimamente de vagos receios agoniadores, levava o tempo a carpir-se, lavada em pranto; e pedia noticia do seu Estevam aos forasteiros vindos de longe, aos arraes dos barcos, que navegavam rio abaixo ou acima. Ninguem o tinha avistado,—nem pelos sêrros escalvados ou pelas aldeiolas distantes, nem passeiando pelas ingremes fragas marginaes ou, feito cadaver, derivando lugubremente ao fio d'agua. Porém, ao cabo d'uns cinco dias, o moleiro mostrou-se inesperadamente á porta da venda, namorando os pães de trigo pousados sobre um tonel com o seu olhar tresloucado e luzente de fome, encolhido, transtornado, arisco e mudo, prompto a escapulir-se como um selvagem, com a cara macilenta, enrugada de soffrimento, e a roupa manchada de lama, n'um desalinho. Logo o compassivo taberneiro o attrahiu habilmente, deu-lhe de comer, e mandou prevenir a Delfina. Quando ella acorreu, esbaforida e anciosa, um amotinamento de povo cercava o Estevam; e o pobre, que se conservava desconfiadamente quedo, insensivel as vozeirantes exclamações e conversas levantadas em róda, pareceu de tal maneira terrificado, assim que viu a mulher, que na turba houve um movimento indeciso d'estupefacção. Desnorteada mas confiante, com uma grande firmeza de vontade, a Delfina procurava despertal-o, evocal-o á realidade saudavel, repetindo-lhe o seu nome ternamente, e affagando-o de palavras meigas; elle evitava-a, com recuos nervosos, d'animal inferior que teme pancadas; e considerava-a desvairadamente, como se a presença d'ella aggravasse o seu medonho delirio perpetuo. Era uma coherencia da sua loucura; para elle, a Delfina tornará-se uma irressuscitavel defuncta, cuja recordação adorada e saudosa o acompanhava persistentemente; e a sua figura palpavel surgia-lhe com o fantastico aspecto d'uma apparição espectral. Ella quiz agarral-o, para o abraçar; então, o desgraçado guinchou um trespassante grito, e, com um esforço espavorido, evadiu-se, rompeu d'arremeço por entre os espectadores d'aquella imprevista e surprehendente scena, e largou n'uma correria frenetica, como um lobo que se liberta d'um laço desastroso. Vencida pelo desespero, a Delfina, ulcerada fundamente d'uma dôr incomportavel, tombou para o chão, desfallecida; e todos ficaram consternados, porque reconheceram que o moleiro estava doido, irrecusavelmente. Mais tarde, muitas pessoas tentáram convencel-o de que a mulher, bem viva, esperava por elle; mas o Estevam negava, balbuciando retalhos de phrases indistinctas, indicava convictamente o ceu, com gestos da cabeça e dos braços; e, se o encaminhavam para os lados do moinho, sobresaltava-se e resistia, sacudido de repentinos tremores, como as rezes arrastadas para um açougue, ao farejarem a sangoeira. E o pacifico maluco passou a vagabundear ao acaso, n'uma existencia desgarrada de nomade, alimentando-se e vestindo-se da caridade incerta. Primeiro, albergou-se na capellinha do Senhor dos Desamparados, empoleirada na curta esplanada d'um cabeço escarpado, caiada e branca no meio d'um grupo de pinheiros bravos; mas os mordomos da festa annual, com que d'antiga usança era honrado o santo hospitaleiro, foram descobrir a paciente imagem de pau toda sobrecarregada de côdeas de borôa, algodoentas de bolôr, que o Estevam repartia lealmente com ella, sem estranhar a sua inappetencia constante,—e enxotáram-n'o de lá, sem piedade. Depois, pernoitava pelos casaes isolados, aonde o conduziam as suas jornadas sem rumo; até que, d'uma vez, accendendo um lume—prompto, e apegando-o ás fachas de lenha armazenadas n'uma loja, incendiou um carunchoso casarão desmantelado, que ardeu rapidamente como uma pittoresca e alegre fogueira da vespera de S. João. De modo que ninguem mais lhe deu guarida, nem mesmo nas locandas sertanejas onde o quartel se paga; e teria de dormir sempre ao bello ar, desagasalhadamente, se não o recolhesse n'um palheiro, guardado de perto pelos seus creados, um morgado que habitava, entre rochedos e carvalheiras frondosas, um pardieiro de granito, armoriado de brazões ennegrecidos e toscos. Esse pequeno fidalgo montezinho foi quem o chrismou com a expressiva alcunha de Dom Tarouca, heraldica e chacoteadôra; e o louco chamava-lhe seu padrinho, com uma finura exquisita, sollicitando filial e submissamente a sua benção.

Tre-lou-tou..

Cantilenando o seu tristonho estribilho badalante, bem depressa popularisado e imitado pela garotada, Dom Tarouca vadiava, esfarrapado e barbaçudo, sem carapuça nem soccos; as creanças estimavam-n'o, nunca o apupavam nem perseguiam, porque elle permittia-se furtar alguma fructa, unicamente para as regalar; e, quando não preferia estirar-se ás soalheiras, tomado d'uma soberba independencia preguiçosa, empregava-se nos mais leves trabalhos ruraes, aviava recados, e gabavam-n'o como portador fiel d'encommendas, de terra em terra. Não fazia mal ou damno a alguem; sómente, por vezes, viam-n'o atravessar os logarejos adormecidos, a horas adiantadas da noite, correndo e clamando roncos soturnos, prolongados, em arremêdos cavos de trovões. O pae d'elle, sentindo o seu resequido coração phenomenalmente condoido, encarregou uns almocreves de lhe apanharem o ataroucado, e deteve-o em casa por semanas seguidas, tratando-o com vigilantes cuidados e carinhos; comtudo, um dia Dom Tarouca escapou-se, fugiu-lhe tambem; e o velhote maguado, commovido, mas remoendo o seu pezar seccamente, chegou a declarar:

—Deixal-o andar, por esses mundos, á cego-lo-guarda! Aquelle já não tem relêgo.

Largos mezes passáram, e até annos. Penas, lagrimas, o tempo as sára e estanca, ora adeus! Ainda a Delfina virtuosamente envergava trajos tinctos de luto, pelo seu homem perdido, quando contractou um moço; porque, mau grado de toda a sua turbulenta actividade de formiga laboriosa, não podia avir-se sósinha com a dura labuta do moinho. Era um guapo moço corpulento, o Nicolau da Luriga,—um rapazão, diziam, prazenteiro e desempenado. Mas, dentro em pouco, as boas visinhas palradoras aldrabáram furiosamente o escandalo desavergonhado da moleira; cujo ventre inchou com uma temporaria anasarca denunciadora, d'uma evidencia desconforme; e, como a Delfina teve um filho, as comadrices descantáram e gralháram mais alto, sem rebuço, entre indignadas e jocosas. Entretanto, o moinho ia-se revestindo d'uma bonita apparencia vetusta, com as paredes escurentadas pelos halitos do tempo, vaporantes d'ardencias e de humidades; emquanto que o telhado composto empoava-se alvamente de farinha, por uma especie de transudação continua do fino cisco branco, peneirado e

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA—Estação de Cintra (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Augusto Lamarão)

subido subtilmente do interior. Com essa interessante e encanecida touca, tinha o ar d'um casebre ancião;—e, nas suas peregrinações desorientadas, Dom Tarouca passava agora por elle sem o conhecer, chocalhando o seu ritornello somnolento, raramente interrompido:

Tre-lou-tou-lou!

Feia, com a cabelleira completamente côr de castanha e os olhos empardecidos, tambem a Delfina se transformára, fecundada a eito pelo seu reforçado servo, acabada e ossuda como quasi todas as mulheres d'aldeia, cedo arruinadas, devoradas pelo trabalho, e que numerosas vezes são mães. E, como o Dom Tarouca se obstinava em contemplar, nas rubescentes e douradas pompas celestiaes das auroras e dos poentes, o encantador effeito louro dos cabellos da sua Delfina, que se lhe fôra morta, a gente da povoação caçoava com elle, divertida e bronca, ria-se cruelmente da crendice amorosa da sua hallucinação.

Monteiro Ramalho.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição Industrial no Porto. Verificou-se, no dia 19 do corrente, no Palacio de Crystal do Porto, a abertura da exposição industrial, para a qual tinham sido convidados os industriaes portuguezes. A abertura fez-se sem festa. Os industriaes do norte são em geral os que mais concorreram, notando-se ainda assim a falta de muitos importantes. Do sul, principiando por Lisboa, poucos concorreram. A exposição deve estar aberta até 21 de agosto proximo.

Companhia do Opio. Consta achar-se formada, em Londres, a *Moçambique Produce Company Limited* e que n'esta foi incluida a *Companhia de Cultura e Commercio do Opio em Moçambique*. A subscripção foi encerrada no fim de vinte e quatro horas, porque o capital subscripto excedeu muito o pedido.

Concurso de Bellas-Artes. Está definitivamente aberto concurso por espaço de trinta dias, para tres pensionistas, um de pintura historica, outro de pintura de paisagem e o terceiro de architectura civil, para irem aperfeiçoar os seus estudos no extrangeiro. O programma d'este concurso vem publicado no *Diario do Governo* do dia 18 do corrente.

Associação Protectora do Ensino dos Cegos. Pelo sr. Antonio Marcelino Lima Carvalho, foi apresentado nas salas da redacção do *Commercio de Portugal* a uma reunião de damas e cavalheiros da melhor sociedade, tres cegos instruidos pelos systemas mais aperfeiçoados e que se praticam no Instituto de Cegos de Paris. Os tres cegos apresentados são M. Leon Jamet, alumno do Instituto de Cegos de Paris, mademoiselle Leocadie Varella, e a menina Maria de S. Pedro ambas discipulas do mesmo instituto, sendo esta ultima protegida por madame Sotto. Fizeram differentes provas de musica, de leitura, escripta, *crochet* a duas côres, etc. Todos os convidados ficaram muito satisfeitos pelo que acabavam de ver, e convencidos da grande utilidade de uma instituição de ensino de cegos em Lisboa. É uma instituição d'estas que o sr. Lima Carvalho com a cooperação de algumas pessoas que se interessam pela sorte dos infelizes, se propõe fundar, sendo esta idéa tão sympathica que estamos certos encontrará muitos adeptos.

Ordem de Malta. Sua alteza o principe real D. Carlos, recebeu da ordem soberana de Malta a nomeação de Bailio Gran-Cruz de Honra e Devoção. Uma deputação da ordem, entregou ao ministro portuguez, junto ao Vaticano, a bulla da nomeação, as insignias e uma carta autographa do principe gran-mestre da ordem, frei João Baptista Cheschi da Santa Croce, para Sua alteza o principe D. Carlos.

Viagem dos Duques de Bragança. Seguiram viagem no dia 12 do corrente, com direcção a Plymouth, a bordo do paquete *Hawarden Castle*, suas altezas os duques de Bragança, que vão assistir ás festas do jubileu da rainha Victoria e representarem suas magestades el-rei e rainha de Portugal. Suas magestades e altezas acompanharam a bordo os duques de Bragança, e as embarcações de guerra surtas no Tejo fizeram as devidas honras militares. O *Hawarden Castle* chegou a Plymouth á meia noite de 13 e suas altezas desembarcaram na manhã do dia 14, sendo recebidos pelo ministro portuguez sr. Dantas, almirante do porto, general commandante da divisão, estribeiro-mór da rainha Victoria e uma guarda de honra, havendo as salvas do estylo. Os duques de Bragança seguiram logo para Londres onde chegaram na tarde d'esse dia. Eram esperados pelo duque de Edimburgo em nome da rainha Victoria e por elle foram acompanhados ao palacio real de Buckingham onde lhe estavam preparados aposentos.

Obra d'arte. O eximio esculptor portuense o sr. Soares dos Reis concluiu um busto em marmore, da sr. viscondessa de Moser, que é uma admiravel obra d'arte que vae ser exposta ao publico no Atheneu Commercial do Porto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Homenagem a Luciano Cordeiro *16 de maio de 1887* por Borges de Figueiredo. Offerecida por Adolpho Modesto & C.ª Folheto de 16 paginas illustrado com o retrato de Luciano Cordeiro, o infatigavel secretario perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa, que se tem dedicado com verdadeiro enthusiasmo e proveitosos resultados ao estudo das colonias portuguezas e das questões geographicas, de que tudo se dá boa conta e se faz justiça n'este pequeno folheto, que é ao mesmo tempo um bello especimen typographico, com que os srs. Adolpho, Modesto & C.ª, distinctos typographos, brindaram o sr. Luciano Cordeiro.

Congresso Municipal de Beneficencia Publica, *relatorio e orçamentos do anno de 1886 a 1887*. Esta recente instituição apresenta-se sob os melhores auspicios notando-se já a sua grande importancia pelos beneficios dispensados no curto espaço de tempo que funcciona. Isto se demonstra claramente no relatorio que temos á vista, elaborado pela commissão fiscal, composta dos srs. Marquez de Pomares, José de Carvalho Daun e Lorena, Pedro Augusto Franco, José Gregorio de Roza Araujo e Manoel Pinheiro Chagas.

Sapataria e chapelaria *de João Damasceno de Moraes Simões segundo catalogo de 1887, Estação de verão*, Lisboa rua dos Fanqueiros 157 etc. Este segundo catalogo apresenta novos modelos de calçado e de chapeus proprios da estação em que estamos, e mostra, portanto, a grande actividade do industrial sr. Simões que tem feito progredir a sua industria. O catalogo é muito bem illustrado com grande variedade de modelos de calçado e de chapeus.

A Caridade *Jornal Catholico* redactor e proprietario Joaquim Guilherme Peixoto de Faria S. Azevedo. Porto. Publica-se duas vezes por mez este periodico dedicado a assumptos religiosos. É uma boa publicação no seu genero.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa